

Comentário sobre a palestra *De las degeneraciones y el tiempo: Otras aproximaciones en la interpretación de los procesos artísticos*, de Humberto Chavez

Winfried Nöth

Humberto nos ofereceu uma abordagem rica e original para a interpretação de obras das artes visuais a partir da semiótica de Charles Sanders Peirce. Com exemplos convincentes da arte instalativa contemporânea, ele abriu os nossos olhos para o potencial da semiótica peirciana ao estudo da arte em geral e das artes midiáticas contemporâneas em especial. Aprendemos que três tópicos da semiótica peirciana tão diferentes como o da degeneração dos signos, a filosofia do tempo e a estética contemporânea estão intimamente ligados.

Um breve resumo das teses do autor é o seguinte:

- Tese 1:* A semiótica peirciana, “sustentada de um relativismo interpretativo”, permite “entender a criação artística atual, não como uma estética com valores estabilizados, mas como experiência epistemológica no reconhecimento das transformações interpretativas da cultura”.
- Tese 2:* A teoria da degeneração dos signos pode ser interpretada como o deslocamento da representação em dois graus: (1) *apresentação*, o deslocamento da representação à presença (da terceiridade à secundidade), e (2) *presentificação* (da terceiridade à primeiridade).
- Tese 3:* O processo artístico tem sempre sido um processo de semiose degenerativa, mas as novas vias de produção artística mostram que a arte não trabalha mais em processos de naturalização, mas com a finalidade do reconhecimento do próprio processo como arte.
- Tese 4:* Formas de degenerações de segundo grau, nas quais o objeto representado e a sua representação estão conectados por semelhança mútua, são o modo principal da representação na arte em geral.
- Tese 5:* Na contemporaneidade, obras de arte não são mais “objetos produzidos de significação estável” e também não consistem de “elementos sígnicos como forma significante”. Elas têm a forma de “processos inseridos em toda uma experiência sociocultural, como uma semiose”.
- Tese 6:* O conceito peirciano do objeto dinâmico nos permite interpretar a realidade contemporânea “como algo dinâmico”. A “visão da realidade como algo dinâmico tornou-se um tema fundamental da arte contemporânea”. Ela revela “a camuflagem interpretativa e óbvia das visões estéticas tradicionais com as suas pressuposições de interpretantes finais estabilizando a arte como algo transcendente e imutável”.
- Tese 7:* A interpretação de obras de arte está ligada aos seus interpretantes dinâmicos, que, ao legalizarem-se através de novos interpretantes finais, criam degenerações sobre novos objetos, também dinâmicos: toda interpretação dinâmica, que virou hábito num determinado campo cultural, modifica a localização dos objetos dinâmicos, criando novas naturalizações, que constituem a nossa idéia da realidade e modifica a realidade dinâmica, exigindo novos signos de aproximação.
- Tese 8:* A obra de arte é um representamen, que cria um objeto imediato que se relacionará com um objeto dinâmico integrado à realidade cultural. A sua proposta sendo uma mera possibilidade, o seu espaço de legalização estará constituído por um conjunto de maquinarias interpretativas, tal como visões individuais, a crítica, os espaços de exposição e difusão, e daí entra um elemento de valor, que o junta ao inventário cultural.

Tese 9: A primeiridade pode ser concebida como um tempo presente contínuo, sensual, emocional, sem memória. A secundidade como passado-presente, como o campo racional, que une uma experiência sensível presencial com o campo relacional estabilizado em relação ao um objeto dinâmico. E a terceiridade como o tempo passado-presente-futuro, tempo já legalizado através de âmbitos interpretativos, que permitem imaginar ações presentes ou futuras.

Tese 10: O interpretante final, ao tornar-se hábito, ao naturalizar-se, configura uma degeneração de primeiro grau, conformando a nossa consciência de realidade dos objetos dinâmicos.

A respeito destas teses gostaria complementar, fazendo uns comentários, levantando uma pergunta e exprimindo uma ou outra dúvida:

Complemento sobre a estética peirciana: O trabalho resumido nestas dez teses não pretende desenvolver uma estética baseada em Peirce, mas em vez disso, pretende analisar obras da arte contemporânea como processos de semiose. Sendo assim, não é uma crítica que faço a Humberto dizer que também existe uma estética peirciana – tema de um livro de Lucia Santaella de 1994 – com a qual um “relativismo interpretativo” (Tese 1) parece incompatível. No seu “Syllabus” de 1903 (CP 1.191), por exemplo, Peirce situa a estética no quadro das ciências *normativas*. Ela é a primeira subdivisão dessas ciências ao lado da ética e da “lógica ou semiótica” como a sua segunda e terceira subdivisão. Peirce define a estética como “a ciência dos ideais, ou daquilo que é objetivamente admirável sem nenhuma razão ulterior” (ibid.). Ao mesmo tempo, ele admite não ser “muito familiar com esta ciência” e diz que “ela devia ser baseada na fenomenologia” (ibid.). – O enigma da compatibilidade dessa estética normativa peirciana com a estética contemporânea seria um projeto de pesquisa a ser perseguido futuramente.

Comentário sobre a tese central da degeneração dos signos na arte (Teses 2-4 e 7). Esta tese é a mais original de Humberto. *Degeneração*, neste contexto, não implica em nenhuma inferioridade de signos degenerados nem a superioridade de signos genuínos. De certa maneira, os signos degenerados são menos abstratos, menos arbitrários, em relação ao objeto que eles representam. Se Humberto defende a tese de que signos estéticos têm a tendência a serem signos degenerados neste sentido, ele está na boa companhia da tradição da estética clássica. Baumgarten, o fundador da estética em 1750, definiu a estética como a “scientia cognitionis sensitivae”, e Lessing, em 1769, escreveu que a poesia devia “naturalizar” a arbitrariedade dos signos verbais. Se a arte enfatiza a materialidade dos signos e focaliza nos processos da criação, ela trabalha de fato com signos degenerativos. O signo abstrato, que pertence à terceiridade é o legisigno, enquanto o signo material e sensual seria o sinssigno e o signo por semelhança da Tese 4 e de Lessing seria o ícone. Destes três signos, só o legisigno é um signo genuíno. – A compatibilidade da arte contemporânea com a semiótica da estética clássica é fundamental, mas não significa nenhuma tendência voltada para o passado. As artes performáticas e instalativas também rompem com um princípio antigo da estética que dizia que era necessário esconder os processos da criação: *ars est artem celare* (‘a arte é esconder a arte’).

Comentário sobre o papel do tempo. A Tese 9 está ligada ao tema central do nosso colóquio. Humberto distingue três tempos, o presente no domínio da primeiridade, o passado-presente determinado pela secundidade e o “passado-presente-futuro” associado à

terceiridade dos fenômenos. Essas interpretações são corretas em princípio. Por exemplo, no processo da interpretação de um signo, o signo como fenômeno da percepção pertence ao presente. O objeto do signo é um fenômeno do passado no sentido em que ele evoca e pressupõe o conhecimento anterior do objeto. E o interpretante pertence ao futuro no sentido de que a interpretação do signo segue o momento da sua percepção. A fórmula passado-presente-futuro usada pelo autor sugere um processo de continuidade, e de fato, continuidade também é um fenômeno geral da terceiridade. Mas o signo não é um fenômeno de uma continuidade absoluta, porque ele é um objeto vivo que tem uma origem no momento da sua criação e um fim na sua obsolescência. Na sua essência, a temporalidade do signo, ao menos do signo genuíno, visa para o futuro. O signo é algo geral e potencial, e sendo assim, ele é um *esse in futuro*, diz Peirce (CP 2.148). A tese do signo estético como um signo degenerado devia então significar que ele é um signo que visa menos para o futuro do que os signos não estéticos. Correto?

Anotação sobre o conceito de “interpretante final”. Humberto critica as visões estéticas tradicionais e os seus pressupostos “interpretantes finais” (Tese 6-7). Embora concorde plenamente com a crítica implícita, gostaria de anotar que um interpretante final no sentido de Peirce é um interpretante com o qual todas as mentes racionais, e não só um certo grupo de pessoas, concordariam. Justamente por ser final, um interpretante final não pode ser mais modificado. Para Peirce, o interpretante final também é sempre um assunto do futuro, um futuro hipotético no qual não haveria mais dúvidas sobre o assunto em questão.

Dúvidas sobre a possibilidade da criação de objetos (representados por signos). Conforme a Tese 8, a obra de arte é um representamen que cria um objeto imediato. Como é que um tal processo pode ser explicado no quadro da semiótica peirciana, um quadro no qual o objeto necessariamente precede o signo (representamen), que o representa e aquilo que o signo cria é sempre um interpretante?

Pergunta sobre o conceito “dinâmico” (Teses 6 - 8). Humberto vê uma conexão entre o conceito peirciano de objeto dinâmico e a realidade representada na arte contemporânea “como algo dinâmico”. Em que consiste esta conexão entre o dinamismo cultural e a dinâmica do objeto peirciano?

Pergunta sobre o processo da naturalização: Em alguns lugares do seu trabalho, por ex. nas teses 2, 7 e 10, Humberto usa o conceito de *naturalização*. Ele também aparece no seu diagrama sobre a degeneração do signo (1º grau), mas o conceito não é definido explicitamente. Para os leitores dos clássicos da semiótica do século xx, este conceito lembra Roland Barthes, que usou a palavra *naturalização* no sentido de ‘esconder a ideologia implícita na mensagem’. Ideologia significa terceiridade, e neste sentido naturalização seria então degeneração *sígnica*. Mas na tese 10, o conceito parece ser usado em oposição ao conceito de degeneração do signo. Se algo se torna hábito, ocorre um processo na direção de terceiridade, porque hábito é um fenômeno da terceira categoria peirciana. Ao mesmo tempo, a tese 10 postula um processo de degeneração. Gostaria receber uma clarificação sobre esta interpretação.

- Tese 1:* p. 5, l. 1-4: La semiótica peirciana sustentada desde un relativismo interpretativo permite entender la creación artística actual, no como una estética con valores estabilizados, sino como experiencia epistemológica en el reconocimiento de las transformaciones interpretativas de una cultura.
- Tese 2:* p. 4, l. 5-7: ...que Charles S. Peirce llamó las *degeneraciones*; sean los desplazamientos de la representación a la presencia, o de la representación a la presentificación.
- Tese 3:* p. 9, l. 2-6: El proceso artístico, indudablemente, siempre ha funcionado bajo esta suerte de degeneración, de experiencias interpretativas convertidas en objetos artísticos, pero las nuevas rutas de la producción artística nos muestran que el tema de la obra artística no se da como un simple proceso de naturalización sino como **el reconocimiento del proceso como tema de la obra**.
- Tese 4:* p. 13, l. 29: ...las degeneraciones de segundo grado en las que [...] *el objeto representado y su representación están conectados sólo por un parecido mutuo. El signo es una semejanza: y éste es el principal modo de representación de todo arte.*
- Tese 5:* p. 2, l. 14-17: En recientes propuestas, ya no se analiza el arte sólo como un objeto producido de significación estable a distinguir en sus elementos signícos como una forma significante, sino como un proceso a comprender inserto en toda una experiencia sociocultural; como una semiosis.
- Tese 6:* p. 4, l. 16-23: Peirce había ubicado el mundo de "objetos dinámicos" como esa realidad (o conciencia de realidad) que nos permitía tener actitudes interpretativas asertivas en el mundo que nos rodea. Esa visión de la realidad como algo dinámico (independiente de que estemos de acuerdo con que todo está en transformación) se vuelve una de las temáticas fundamentales de la creación artística actual, la cual, sea como crítica o como demostración, hace evidente el camuflaje interpretativo de las tradicionales visiones estéticas, en las cuales los interpretantes finales estabilizan el arte como algo trascendente e inmutable.
- Tese 7:* p. 12, l. 8-15: Los barrimientos en la interpretación artística indudablemente están ligados a los interpretantes dinámicos, (nuevas aproximaciones significativas, suerte de abducciones en el campo argumental de Peirce) que al legalizarse crean, a través de nuevos *interpretantes finales, degeneraciones hacia* nuevos objetos también dinámicos: toda interpretación dinámica devenida hábito en un determinado campo cultural, modifica la ubicación de los objetos dinámicos, creando nuevas naturalizaciones que constituyen nuestra idea de realidad, y esta modificada realidad dinámica, demanda nuevos signos de aproximación.
- Tese 8:* p. 12, l. 21-25: La obra artística es un representamen que crea un objeto inmediato que se relacionará con un objeto dinámico integrado a la realidad cultural, hasta ahí su propuesta es tan solo una posibilidad, su espacio de legalización estará constituido por un conjunto de maquinarias interpretativas como son las visiones individuales (siempre pertenecientes a determinados grupos sociales), la crítica, los espacios de exhibición y difusión etc, y a partir de entrar en el habitual reconocimiento de la misma como un elemento de valor (estético, social, económico, etc.) se integra al inventario de la realidad cultural.
- Tese 9:* p. 14, l. 7-10: Es posible imaginar la primeridad como un tiempo presente continuo, sensual, emocional, sin memoria. La segundidad como el pasado-presente, como el campo relacional que une la vivencia sensible presencial con una memoria estabilizada frente a un mundo real, en un mundo objetual dinámico. Y la terceridad como el tiempo pasado-presente-futuro, tiempo ya legalizado a través de ámbitos interpretativos que permiten imaginar acciones presentes o futuras.
- Tese 10:* p. 18, l. 4-16: ...el interpretante *final* al volverse hábito, al naturalizarse, configura una degeneración de primer grado conformando nuestra conciencia de realidad de los objetos dinámicos.